

Air Tight PC-1

A esmagadora simplicidade

Escrever é um acto que requer um controlo muito razoável da utilização das palavras e bastante à-vontade em termos de vocabulário, de modo a que o texto escrito assuma para quem o lê toda a importância e profundidade que se pretendia à partida. A responsabilidade por parte de quem escreve é grande, pois exige-se-lhe clareza e, ao mesmo tempo, simplicidade. Os resultados podem ser variáveis, como tudo na vida que dependa da inspiração do momento, mas aquilo a que nem todos atribuem a importância merecida é ao facto de as palavras usadas poderem ser demasiado marcantes e mesmo exageradas em relação ao contexto em causa. Mas e se o escriba ficar

mesmo sem palavras para descrever as situações, não por falta de verve, mas porque não existem adjectivos que consigam descrever com a propriedade merecida a situação em apreço? Há quem fale em «ficar sem palavras», mas aquilo a que me refiro não é bem isso, é mais achar que nenhuma frase, por mais verborreica que seja, está à altura. Pois foi mais ou menos o que me aconteceu quando me sentei a escrever este texto.

Falar sobre este produto da Air Tight não deveria ser difícil para quem, como eu, já conviveu com algumas das melhores cabeças de gira-discos do mundo, tais como a Jeff Rowland Complement, a Audioquest 7000

nsx, a Lyra Clavis, a Ortofon 5000, a van den Hul Colibri e tantas outras. No entanto, tenho que confessar que não me é fácil colocar no papel a descrição do conjunto de emoções e realidades novas que este espantoso transdutor me aportou. E a dificuldade principal reside no facto de ela manifestar um tal grau de simplicidade e facilidade em tudo o que faz que desarma quem está habituado a classificar os equipamentos em teste segundo determinados parâmetros. Quase todos nós já apreciamos situações em que um grande virtuoso, seja um desportista tal como Pete Sampras, Roger Federer ou Cristiano Ronaldo, ou um grande intérprete musical tal como um Al di Meola,

executa uma determinada peça musical ou faz uma jogada tal que resulta sublime não só pelo modo perfeito como foi posta em prática como, fundamentalmente, porque a mestria do executante faz parecer de uma simplicidade desarmante algo que é quase impossível de realizar. Traduzindo por outras palavras, nada é mais difícil de descrever que aquilo que é quase sublimemente simples na sua perfeição. E a PC-1 é realmente tão pouco exibicionista no modo como nos traz a música até nós que complica a vida de um crítico de áudio: não há efeitos pirotécnicos, piruetas mirabolantes, agudos escalafriantes pela sua extensão, graves tonitruantes, nada disso. A música flui natural e simples como sempre foi entendido que fosse, não exigindo de nós nem um grama de esforço para que a acompanhem. Parece que não existem zonas ou áreas de destaque, mas está tudo lá no momento certo, com o peso e medida necessários, sem destaques exagerados mas também sem a mínima omissão. E como descrever tudo isto? Bom, talvez passando ao capítulo seguinte ganhe um pouco de tempo que me permita reequacionar esta questão, pelo menos é essa a minha esperança. Pelo menos pouco tenho a perder.

Descrição técnica

Atshushi Miura, o fundador da A & M, fabricante dos equipamentos Air Tight, é quase uma lenda viva no mundo dos equipamentos de áudio de alta qualidade. Entrou como engenheiro para a Luxman e, mais tarde, casou com a filha de um dos fundadores da marca, K. Yoshikawa. Durante os tempos em que foi General Manager da Luxman, foi ele certamente um dos grandes responsáveis pelo lançamento de produtos hoje em dia rodeados de uma aura quase mítica, tais como o SQ-38, o MQ-60, o CL-35 e vários outros. Tendo-se reformado da Lux Corp. em 1985, Atshushi Miura fundou então, juntamente com M. Ishiguro, a A & M Ltd., tendo o primeiro produto fabricado sido o amplificador ATM-1. A designação A & M tem a ver quer com as iniciais do seu fundador quer com uma combinação destas com a



inicial do nome próprio da sua mulher (Mari) ou do seu sócio (Masagami). Segundo o próprio Sr. Miura afirma, a Air Tight tem como um dos seus fins principais preservar a herança cultural inerente aos grandes equipamentos de áudio a válvulas.

Mas a actividade da Air Tight não se resume ao mundo das válvulas. O CES de 2006 trouxe à luz do dia uma cabeça de gira-discos do tipo de bobina móvel, a PC-1, o resultado de algo como mais de 30 anos de estudo e dedicação à reprodução analógica. De facto, a PC-1 tem como origem a Luxman MC-115, tendo sido originalmente concebida pelo Sr. Sugano, o fabricante das ultrafamosas Koetsu. Uma série de eventos negativos, o mais importante dos quais terá sido o falecimento do Sr. Sugano, fez com que demorasse muito tempo até que a PC-1 fosse uma realidade, com a ajuda do Sr. Matsudaira, um antigo funcionário que tinha trabalhado muitos anos na Koetsu.

Inserida numa bela caixa de madeira, a PC-1 tem um corpo sólido com os dois lados inferiores paralelos, o que facilita os ajustes quando da colocação no braço. O material do corpo da cabeça não é descrito em nenhuma informação a que eu tenha tido acesso mas é seguramente um material compósito. O projecto base da PC-1 tinha como grande desafio a obtenção de uma baixa impedância e de um nível de saída relativamente elevado, duas coisas que são de algum modo incompatíveis já que, para ter um nível elevado de saída necessitamos de muitas espiras na bobina, o que tem dois inconvenientes principais: aumenta a massa colocada no extremo interno do *cantilever* e aumenta a impedância de saída. O recurso a novos materiais para os fios condutores (SH- μ X) e a um íman de neodímio fizeram com que fosse possível atingir valores quase impossíveis: 0,6 mV de tensão de saída e 2,5 Ohm de impedância.

TESTE Air Tight PC-1



O *cantilever* de forma tubular é de boro, sendo a agulha do tipo semi-linha de contacto, com as dimensões de 3 por 30 micro, e os terminais de ligação são de ródio dourado. O peso de leitura recomendado é de 2,1 gramas.

Audições

Claro que uma cabeça deste nível merece as melhores companhias, e isso implicou que a PC-1 fosse instalada no braço SME V Gold, por sua vez instalado no meu gira-discos Basis Gold Debut. O peso de leitura foi ajustado para 2 gramas e o *anti-skating* para um pouco menos, como eu gosto de fazer. Uma vez mais, e como já é meu hábito, a base do braço foi ligeiramente subida, de modo a que este não ficasse completamente paralelo ao disco, o que melhora a reprodução da imagem espacial. Os ajustes de posicionamento da cabeça foram efectuados com a ajuda da régua da Garrott, colocada em cima de um disco especial que guardo apenas para este tipo de situações, já que o seu som é tão mau que nem sequer vale a pena utilizá-lo de outro modo. Uma vez que a impedância de saída da PC-1 é relativamente baixa, optei por utilizar de início um valor de impedância que

tem sido quase carismático em outras situações – 100 Ohm. Mas acabei por não ficar por aqui, como veremos mais à frente.

O prévio de gira-discos era o que está inserido no prévio por mim construído, o amplificador era o Mark Levinson N.º 27.5, as colunas as Quad ELS-63 e as cablagens entre prévio e amplificador e este e as colunas eram da linha Kimber Select. Já o cabo de ligação do braço ao prévio era o cabo de prata da SME.

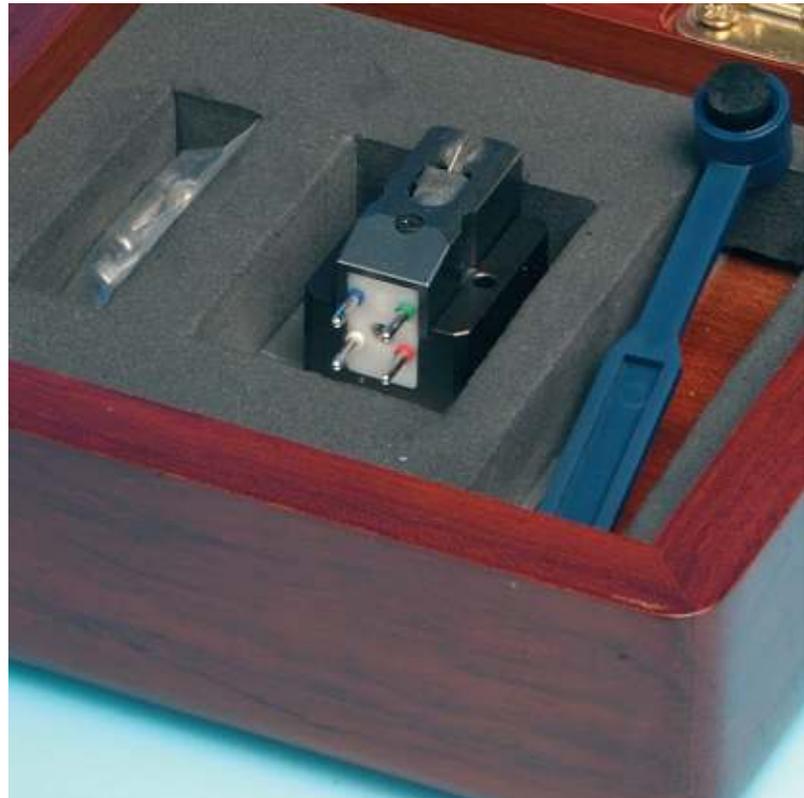
Uma vez que a cabeça já vinha rodada quando me chegou às mãos, pude usufruir do raro privilégio de começar imediatamente a ouvir música. Peguei assim em alguns dos meus discos favoritos, tais como a *Carmen*, de Bizet, numa gravação EMI, *Kind of Blue*, de Miles Davis, *Danças Sinfónicas*, de Rachmaninoff, da Athena, *Luke and the Locomotives*, Robert Lucas, gravação Audioquest, *Guilherme Tell* e *Outras Aberturas Favoritas*, da Telarc, e assim por diante.

Claro que logo desde o primeiro instante a PC-1 demonstrou que estava numa liga substancialmente diferente de tudo o que eu tinha ouvido até ali,

embora não fosse fácil definir exactamente porquê. Tínhamos um forte sentido de correcção, de tudo estar no sítio, de facilidade de saída do som, mas não me era fácil tentar encontrar as pistas tradicionais que facilitam a descrição do desempenho do equipamento e a que todos nós estamos habituados. Tudo era tão bem feito e a um nível tal que me desafiava a encontrar os termos correctos para efectuar uma descrição correcta do que tinha na minha frente. Mas, ao mesmo tempo, o equilíbrio entre imagem espacial e ritmo não estava ainda no ponto que eu achava dever estar, algo que, como eu já sei há muitos anos, tem a ver com a escolha da resistência de carga correcta para a cabeça. Uma resistência de carga muito baixa torna o som mais fechado espacialmente e algo constringido em termos dinâmicos. Uma resistência muito elevada alarga demasiado a imagem espacial, ficando os intervenientes do processo musical quase sem ligação entre eles, ao mesmo tempo que em termos rítmicos tudo fica algo lento. Tentei, assim, um valor razoavelmente mais elevado que 100 Ohm – 1000 Ohm – e fiquei muito agradado com alguns aspectos do desempenho, nomeada-

mente uma maior espacialidade, mas o ritmo ainda não estava certo. Tornei a variar a resistência, agora para um valor mais baixo – 400 Ohm –, e tudo, ou quase mesmo tudo, pareceu ficar no sítio certo. Novamente digo que este ajuste, como vários outros, é, não só, uma questão de gosto pessoal, como tem a ver com o sistema de áudio específico que se está a utilizar. No entanto, e de modo mais evidente ainda no caso de um equipamento deste nível de preços, quem vende uma cabeça de gira-discos responsabiliza-se seguramente por todos os ajustes que sejam necessários para otimizar o seu desempenho.

Como tenho que ter em conta quem me lê, vou tentar colocar por escrito o mais possível em termos das indicações que fui retirando ao longo das audições. Mas aviso já que houve muita coisa que ficou na minha cabeça sob a forma de emoções e, quanto a isso, não posso fazer nada. Podem-me ripostar que isso acontece sempre que testo qualquer equipamento, mas não é bem assim, a CP-1 é um objecto quase puramente emocional que



fala aos nossos sentidos e emoções de um modo único. Quem é que consegue descrever porque é que o som de um violino Stradivarius é tão melhor

Quando um Sistema de Audio é um Tesouro...



Best Digital Source
Component of the
Year 2007

stereophile



www.topaudio.pt

TESTE Air Tight PC-1

que o de qualquer outro violino, tendo mesmo adquirido proporções míticas? Nunca vi palavras que me pudessem descrever o som de um violino destes de modo completo, mas quem o ouve nunca mais o esquece.

Voltando à PC-1, tenho que descrever o seu som como algo que entra em nós insidiosamente e de um modo quase natural, ou seja, sem exigir de nós qualquer esforço para nos concentrarmos na audição. Claro que a imagem espacial é ampla e vasta tanto como pode ser e, ao mesmo tempo, o som é arejado, envolvente, cativante, que mais posso dizer? Pois apenas talvez que a acústica reproduzida em termos espaciais era muito correctamente delineada, com uma sensação de múltiplas camadas dispostas de frente para trás e para os lados mas nunca isoladas entre elas, ou seja, sempre com sons de ligação a estabelecerem um elo de continuidade entre as diversas zonas espaciais.

Tudo isto não significa que, em termos das áreas tímbricas convencionais de análise de desempenho, ou seja, os graves, os médios e os agudos, tudo não atingisse do mesmo modo níveis superlativos. O impacto, a escala e o poder puro da zona inferior do espectro causaram-me muitas vezes impressões bem profundas, reconhecendo eu ao mesmo tempo que este comportamen-

to estava perfeitamente equilibrado com aquilo que se passava nas gamas média e média-alta. Um dos discos onde eu consegui apreciar melhor este comportamento foi o *Bennie Wallace Plays Monk*, na faixa *Round Midnight*. O contrabaixo de Eddie Gomez aparece-nos repleto de harmónicas, com cada poderoso som a assumir uma envolvimento e mesmo quase uma emotividade que me cativava.

E que dizer da gama média, essa pedra de toque do desempenho de qualquer equipamento? Pois talvez possa dizer que a PC-1 escreveu poesia ao descrever perante mim belas frases musicais que se entrelaçavam, em ritmo perfeito e, muito mais que isso, como uma métrica e rima incedíveis. Posso mesmo dizer que a gama média era tão perfeita, tão elogiosa da PC-1 e da música, de uma comunicabilidade tão grande que era quase como se ela própria fosse a música: as vozes muitas vezes me fizeram despertar a tal famosa pele de galinha que não é tão vulgar como isso tudo de ocorrer.

E é vidente que os agudos eram tudo aquilo que seria de esperar desta quase perfeição absoluta que eu até aqui descrevi. Posso mesmo dizer que eram nada menos que deliciosos na sua extensão e correcção tímbrica. A PC-1 ilumina o intér-

prete com um foco bem forte, mas não altera as características tímbricas dos instrumentos e vozes que se espriam pelas zonas de sons mais agudos, mantendo sempre um carácter pleno de elegância, suavidade e extensão.

Conclusão

Como descrever com mais palavras algo que é tão indescritível? Bom, óptimo, fabuloso são adjectivos qualificativos que pretendem posicionar um dado tema ou um dado objecto em relação a outros. Mas o que se passa aqui é que não é com adjectivos destes que eu consigo qualificar aquilo que a PC-1 me fez sentir. Perfeição poderia ser o termo mais correcto mas, claro, aqui existiria sempre algum exagero pois, por definição, a perfeição não existe. Mas a PC-1 está tão perto dessa perfeição quanto é possível e isso para mim é algo que ficará na memória para sempre. Felizes daqueles que tenham o dinheiro suficiente para conviver com esta perfeição. E apressem-se, porque o Miura sam não irá certamente produzir muitos exemplares de um objecto tão raro.

Preço: 4.600,00 €

Representante: Kami Katsu

Kamikatsu@graffiti.net

O Audio(Show) está de volta!

Audioshow - High End

7, 8 e 9 de Março de 2008

Hotel Corinthia (antigo Hotel Alfa), a Sete-Rios, Lisboa

Marque já na sua agenda.

A revista para toda a fotografia

Assine já!



Opção A (1 ano)

Assine **12** números por apenas **45,60€** e receba* **GRATUITAMENTE** 1 Pasta de Arquivo



Opção B (1 ano simples)

Poupe **17%** – Receba **12** números pelo preço de **10**: Apenas **38€**

Opção C (2 anos)

Assine **24** números por apenas **91,20€** e receba* **GRATUITAMENTE:**
Um colete SFP (M L XL XXL)
+ Uma Pasta de Arquivo



Opção D (2 anos simples)

Poupe **17%** – Receba **24** números pelo preço de **20** • Apenas **76€**

* Salvo ruptura de stock

Sim, desejo subscrever a revista **Super Foto Prática**

Nome
Morada
Localidade
C. Postal Data nascim. / / Profissão
Telf. N.º Contribuinte
N.º Assinante E-mail

- **Assinatura** (Portugal)
 1 ano (12 n.ºs, 45,60€) = Opção A 2 anos (24 n.ºs, 91,20€) = Opção C
 1 ano (12 n.ºs, 38,00€) = Opção B 2 anos (24 n.ºs, 76,00€) = Opção D
Assinatura (1 ano) Europa 61,00€; Resto do Mundo 65,00€

• **Autorização de débito directo**

Por débito da minha/hossa conta abaixo indicada, queiram proceder, até nova comunicação, ao pagamento das importâncias que lhe forem apresentadas pela Editorial Grupo V.

Banco Agência Titular
NIB
Data / / Assinatura

Desejo que debitem a respectiva quantia no meu cartão VISA.
(não são aceites cartões visa electron)



N.º Visa CVV* Válido
*0881647088

Junto envio cheque à ordem de Editorial Grupo V

GRUPOV

Av. Infante D. Henrique, 306 – 1900-717 Lisboa
Telf. Assinaturas: 218 310 937
Geral: 218 310 920 – Fax: 218 310 939
E-mail: assinaturas@grupov.com
Contribuinte N.º 503 976 474